

Encontros Transculturais: uma leitura da construção da identidade de jovens na Amazônia Oriental Brasileira

DIRK JÜRGEN OESSELMANN*
FERNANDA DO SOCORRO SANTOS FERREIRA**
MARIA LÚCIA GASPAR GARCIA***



RESUMO – O encontro de diversas culturas e realidades socioeconômicas constitui-se num desafio central num contexto de crescente movimento de migração, marcado de pela busca incessante de novas possibilidades de subsistência e aumento de mobilidade e comunicação de pessoas na era da globalização. Esta dinâmica faz surgir, em nível mundial, inúmeros conflitos étnicos, religiosos, culturais e sociais em que as populações se opõem a influências culturais uniformizantes. A Universidade da Amazônia, em parceria com a Universidade de Hannover na Alemanha, propõe uma pesquisa capaz de recuperar e compreender os diferentes processos formativos de identidade e sociabilidade vivenciados por jovens e adolescentes de 13 a 21 anos, de diferentes classes e contextos sociais, buscando contribuir na discussão internacional de parâmetros para uma educação pela democracia.

Descritores – Democracia; educação; identidade; globalização; transculturalidade.

ABSTRACT – The meeting of diverse cultures and socio-economic realities is a challenge in a context of crescent movement of migration, characterized by the constant search for new possibilities of subsistence and the increase mobility and com-

* Doutor em Educação e Coordenador do Projeto Encontros Transculturais: sua importância para o pensar e agir democrático de educadores(as) numa comparação Internacional, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação da Universidade da Amazônia (UNAMA) com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (FIDESIA).

** Geógrafa e Bolsista de Desenvolvimento Tecnológico Industrial do CNPq no Projeto Encontro Transculturais.

*** Mestre em Serviço Social e coordenadora do Projeto Projeto Encontros Transculturais: sua importância para o pensar e agir democrático de educadores(as) numa comparação Internacional, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação da Universidade da Amazônia (UNAMA) com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e a Fundação Instituto para o Desenvolvimento da Amazônia (FIDESIA).

Artigo recebido em: novembro/2003. Aprovado em: março/2004.

munication of persons in the global era. This dynamics made emerge in a world level, several ethnics, religious, cultural and social conflicts where the populations made oppositions to uniform cultural influences. The Universidade da Amazônia in a partnership with the Hannover University in Germany are proposing a research able to recuperate and comprehend the different formative processes of identity and sociability experienced by adolescents and youth from thirteen to twenty one years of age from different classes and social contexts, trying to help in the international discussion for democratic education.

Descriptors – Democracy; education; identity; globalization; transculturality.



INTRODUÇÃO

O encontro de diversas culturas e realidades socioeconômicas constitui-se como um desafio central num contexto de crescente movimento de migração, marcado de um lado pela busca incessante de novas possibilidades de subsistência e, pelo outro, por um aumento de mobilidade e comunicação de pessoas na era da globalização. Esta dinâmica fez surgir, em nível mundial, inúmeros conflitos étnicos, religiosos, culturais e sociais em que as populações se opõem a influências culturais uniformizantes. Nesse sentido Touraine (1999) afirma que estamos vivendo uma “oposição insuportável” entre a unidade e a diversidade fragmentada.

Uma sociedade democrática não pode ser pensada fora do processo de interação social e cultural entre diferentes valores, opiniões, posições sociais e habilidades. A qualidade das relações democráticas se formula em encontros transculturais a partir da capacidade dos atores em estabelecer diálogos e aprendizagens com outras formas culturais. Nesta visão, Jacques DELORS (2000, p. 16) explicita:

Tudo nos leva, pois, a dar novo valor a dimensão ética e cultural da educação e, deste modo, a dar efetivamente a cada um, os meios de compreender o outro, na sua especificidade, e de compreender o mundo na sua marcha caótica para uma certa unidade.

O projeto ao qual o artigo faz referência analisa dentro de uma perspectiva de comparação internacional quatro universos referenciais de formação de identidades e busca de projetos coletivos localizados

Educação

em quatro contextos histórico-sociais da Região Amazônica: i) populações indígenas em contato com instituições e serviços urbanos; ii) populações ribeirinhas em contato com instituições e serviços urbanos; iii) população de periferia urbana entre identidades sociais rurais e influências urbanas; e iv) população residente em centros urbanos em meio a influências culturais externas à própria região que revelam formações transculturais e expressões sincréticas e sintéticas dentro de um quadro social de globalização e desigualdade.

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS DO PROJETO

O projeto Encontros Transculturais parte de uma problemática que pode ser condensada no conceito de globalização, aqui entendida como um conceito que compreende ao mesmo tempo três perspectivas de análise que são:

- ápice do processo de integração global de produção e mercado;
- processo político de regulamentações globais;
- processo cultural como desenvolvimento para uma “sociedade mundial com uma multidão de aldeias globais” (ESSER, 1999, p. 132).

O estudo em si focaliza a perspectiva dos processos culturais na globalização, sem ignorar as inter-relações e interdependências com as outras dimensões, como a percepção de globalização como ameaça social que perpassa todas as perspectivas, a chamada “globalização perversa” (SANTOS, 2000).

Já existem amplos estudos teórico-conceituais úteis como “*framework for analysis*”, contudo pesquisas empíricas sobre o tema ainda são raras. Em geral, podem ser identificadas duas posições na discussão de processos culturais na globalização: os otimistas e os céticos. Os otimistas podem ser encontrados principalmente num grupo de autores ligados a Ulrich Beck e que trabalham em meio a esses encontros conceitos como a “tradução de culturas” (LEPENIES, 1995) e a “era dos intérpretes” (BECK, 1999). Os pesquisadores mais céticos, por sua vez, destacam que em encontros entre diversas identidades culturais se desenvolvem potenciais de conflito que estão presos na

Educação

dialética “entre a retribalização e a integração global” (BARBER, 1997).

A partir desta perspectiva, os processos culturais na globalização não podem ser concebidos como um intercâmbio de diferentes culturas “puras” com delimitações claras, mas a partir de uma visão dinâmica, concebida por intermédio do conceito da “transculturalidade” (SCHÖFTHALER, 1994, WELSCH, 1995), enquanto um processo de constante transformação e reconstituição cultural onde o desafio consiste não somente na busca e reafirmação da identidade, mas, além disso, na formulação de um projeto comum no encontro entre diversas influências culturais (religiosas e sociais) de uma realidade transcultural.

Essa constatação exige, principalmente de educadores que trabalhem em meio a esses encontros, capacidades de “tradução de culturas”, processo esse que se dá não em um nível abstrato, mas em determinados contextos biográficos e sociais que, de acordo com fatores contextuais, favorecem ou dificultam o desenvolvimento das capacidades de interpretação e da utilização dos “princípios geradores” (BOURDIEU, 1996), ora entendidos como elementos constitutivos que indicam lógicas e dinâmicas comuns a todas as experiências, por um lado, oriundos da constituição humana, pelo outro, relacionados a tendências sociais, culturais e econômicas globais.

A crescente individualização, por sua vez, também pode fornecer pontos de partida para o nosso projeto de pesquisa empírica, por exemplo, quando formula a pergunta chave o que significa a sociedade de comunicação mundial no nível da biografia de cada pessoa:

As contradições e os contrários dos continentes, culturas, religiões - primeiro e terceiro mundo, buraco de ozônio e partidos políticos descreditados, vaca louca e impasse das aposentadorias – tudo isso acontece na própria vida ilimitável (BECK, 1999, p. 1)¹.

A partir deste diagnóstico pode ser formulada a primeira hipótese do projeto:

¹ Trad. do original por Dirk Oesselmann: "Die Gegensätze und Widersprüche der Kontinente, Kulturen, Religionen... finden im unabschließbar gewordenen eigenen Leben statt".

a) Na própria “vida ilimitável” de indivíduos, ou seja no seu contexto biográfico, podem ser identificados processos de formação transcultural de identidade.

Esta primeira hipótese de pesquisa pressupõe que os conceitos desenvolvidos pelos otimistas da globalização se justificam empiricamente. Outras hipóteses podem ser formuladas considerando os argumentos dos céticos da globalização. Mesmo que estes se manifestem mais freqüentemente nos campos de análise econômica e política, também no campo de análise cultural podem ser ouvidas vozes que alertam sobre tendências de uniformização de culturas ou do eurocentrismo de desenvolvimentos globais, além de temer a despolitização dos futuros cidadãos mundiais na medida em que os seres humanos perdem os seus lugares e espaços de identificação a partir dos quais se desenvolvem as identidades.

Sempre mais pessoas assimilam fragmentos confeccionados de culturas desconhecidas que extraem do mercado global. Mas enquanto (as pessoas) acreditam que se aproximam ao desconhecido, encontram-se mais e mais na casca de uma democracia orientada ao consumismo que tende a impedir mais a vista para fora do que a abre (HEINS, 1998, p. 31)².

É possível, então, que a partir dos processos de formação transcultural de identidade se desenvolvam potenciais de conflito. Esta observação nos leva a uma segunda hipótese de pesquisa do projeto:

b) Em determinadas circunstâncias e contextos sociais, processos de formação transcultural de identidade tendem a formar potenciais de conflitos.

Atrás desta hipótese estão situações que se refletem em expressões do cotidiano como: Alguém está entre as culturas e não encontra os seus lugares e espaços sociais a partir dos quais possa formar a sua identidade; ou seja, processos de formação transcultural de identidade

² Trad. do original por Dirk Oesselmann: “Immer mehr Menschen assimilieren kofektionierte Versatzstücke fremder Kulturen, die sie dem globalen Markt entnehmen. Doch während sie sich dem Fremdem zu Nähern glauben, verpuppen sie sich um so mehr im Gehäuse ener ‘verbraucherorientierten Demokratie’, die den Blick nach draußen eher verstellt als öffnet”.

não chegam ao êxito esperado. Com isso, as pessoas se tornam vulneráveis para apropriações políticas que demonstram freqüentemente tendências fundamentalistas, seja de cunho étnico ou religioso. Detalhar melhor esses processos num estudo comparativo internacional é o principal interesse por trás desta segunda hipótese de pesquisa. O conceito da “creolização”³ (LEGGEWIE, 1999) levanta a suposição que também “estar entre as culturas” poderia servir mais como chance do que como potencial de conflito. Ao mesmo tempo, as confrontações violentas em muitas regiões do mundo contrariam a tese da creolização como chance.

Ambas as hipóteses de pesquisa precisam ser concretizadas pela pergunta pelo lugar dos processos, que é central tanto para a execução prática do projeto quanto para a fundamentação teórica. Trata-se da pergunta, se e até que ponto “acontecimentos distantes” causam “mudanças locais” (BOHMANN, 1997). Trata-se da “focalização mútua de global e local” (ROBERTSON, 1995). Para esses processos se formulou a palavra “glocalização”. Diante deste pano de fundo, levanta-se a terceira hipótese de pesquisa:

c) Processos transculturais de identificação partem do nível local.

Contrário a esta tese, apoiada pelos argumentos de Kirby (1989), é a suposição que o local, no sentido de algo singular específico, tende a extinguir-se em tempos de intercâmbio crescente de notícias e mercadorias. Aquilo que antigamente chamou-se de “em casa” não existe mais. Meyrowitz, em referência a Mead, levantou o conceito do “outro-lugar generalizado” que relativiza a dependência da auto-identificação pelo lugar e seus habitantes (1989, p. 178).

Em analogia às primeiras duas hipóteses, há que se detalhar esta tese em sua dependência de nível de educação, de conhecimentos de línguas, de situação econômica, de origem, de atividade em grupos políticos e religiosos, de acesso a tecnologias de comunicação, de sexo ou de idade. A dimensão do tempo ganha nesta hipótese de pesquisa

³ De “Creolo” são chamados artefatos lingüísticos na Caribe, surgidos da mistura de línguas de escravos africanos com elites coloniais. Em analogia a isso, a interrelação permanente de culturas heterogêneas do mundo podem levar a uma mistura híbrida, e não a um *standard* global sob custo da morte das maneiras locais de vida e também não necessariamente a conflitos antagônicos” (LEGGEWIE, 1999, p. 6).

um significado especial, porque a permanência longa ou vitalícia de pessoas no mesmo lugar se tornará mais e mais uma exceção.

Todas as três hipóteses objetivam pesquisar empiricamente contextos de sucesso ou fracasso de processos de formação transcultural de identidade no horizonte de um projeto comum e democrático de sociedade.

A pesquisa em sua estrutura metodológica se divide em seis fases, que são:

- grupos de trabalho visando identificar conceitos básicos e instrumentais a serem utilizados na pesquisa;
- elaboração de perfil sociocultural dos universos;
- identificação das influências culturais existentes em cada universo;
- estudo de caso de experiências significativas em cada universo, selecionado através da caracterização de público-alvo (jovens) e lideranças no processo pedagógico democrático, através de instrumentais de pesquisa;
- realização de grupos focais e seminários com a participação de representantes de cada experiência pesquisada; finalmente
- avaliação em simpósios regionais e internacionais dos resultados levantados, como forma de subsidiar e qualificar o debate pedagógico e a formação de relações democráticas em espaços com expressões socioculturais diversas.

OS UNIVERSOS PESQUISADOS

No âmbito da pesquisa de campo, foram selecionados e contatados pela equipe de pesquisa⁴ onze grupos representativos dos universos acima elencados:

⁴ Além dos autores do artigo integram a equipe de pesquisa as bolsistas de Aperfeiçoamento da FIDESA (Lielza de Fátima do Nascimento Fontenelle e Marcyette Caldas Tojal), pelas bolsistas de iniciação científica da UNAMA (Ana Paula Cardoso Ribeiro, Edwana Nauar de Almeida, Elisângela Alves Gusmão e Maria José Ribamar Araújo Campos) e CNPq (Isabela Fonseca Cardoza), a bolsista de Iniciação Tecnológica Industrial (Rosa Otília Abdon Martins) e Apoio

Educação

- duas comunidades ribeirinhas, uma em Ilha Grande e outra em Mosqueiro, ambas pertencentes à porção insular do município de Belém⁵;
- a quadrilha junina Flor do Paraíso e os grupos de Hip Hop Nação de Resistência Periférica (NRP) e Bancada Revolucionária Gospel (BRG), localizados em bairros da periferia urbana;
- as comunidades japonesa e judaica e mais três grupos de orientação e formação religiosa voltada para os jovens, a Igreja Quadrangular, a Casa da Juventude (CAJU) ligada à igreja católica e, outro vinculado, a Primeira Igreja Batista do Pará (PIB), ambos localizados no centro da cidade;
- e a comunidade indígena Anambé, do município de Moju, região do baixo rio Tocantins.

Até o momento obteve-se resposta positiva para a realização dos estudos nos grupos: Quadrilha Flor do Paraíso, grupos de Hip Hop NRP e BRG, Casa da Juventude, Primeira Igreja Batista do Pará, além da comunidade ribeirinha de Ilha Grande, da ilha de Mosqueiro e da comunidade indígena Anambé.

A escolha dos universos se deu a partir da relevância dos mesmos de acordo com critérios como:

- presença de jovens e adolescentes na faixa etária de 13 a 21 anos;
- relevância sociocultural do grupo; e
- existência de trabalhos educativos com o público-alvo da pesquisa.

UNIVERSO RIBEIRINHO

Devido a dificuldades para se identificar grupos com as características buscadas pelo projeto na comunidade de Ilha Grande, deslocou-

Técnico (Itaneide da Silva Fernandes) e tendo a Consultoria de Gercilene Teixeira Costa e a colaboração de mestrandia em Serviço Social pela UFPA (Neliza Maria Trindade de Azevedo).

⁵ O município de Belém possui uma área geográfica de 505,823 km², sendo que destes 332, 037 km² (65,64%) são territórios insulares, perfazendo ao total de 43 ilhas.

Educação

se o foco de estudo para as a região de Mosqueiro, distrito localizado a 65 km de Belém. As populações contatadas residem nas ilhas de Belém, nas margens de rios, furos e lagos e possui como atividade principal fonte de renda o extrativismo (animal e vegetal) dos produtos da ilha, como por exemplo o açaí, o cacau e a pesca de subsistência, de onde decorre a denominação de *ribeirinhos*.

Na Ilha Grande, os jovens desenvolvem atividades como a pesca e a colheita de açaí, que fazem parte da dinâmica de vida da comunidade, e vivenciam o futebol, o papagaio e os banhos de rio como forma de lazer. No discurso dos mesmos percebe-se frequentemente uma relação entre “juventude” e “liberdade” e a palavra “continente” como um sentido forte de inclusão e de um desejo de um futuro melhor, de oportunidades iguais a todos inclusive no continente. Ainda assim, a noção de juventude ribeirinha é algo tênue no discurso dos jovens da Ilha Grande que se denominam apenas como “jovens” e não como “jovens ribeirinhos” (UNAMA, 2003).

De acordo com os primeiros levantamentos realizados acerca da nova área de pesquisa, pode-se observar que as comunidades locais apresentam características semelhantes aos do meio rural brasileiro, tais como: a) falta de um modelo de educação de qualidade no e para o campo; b) difícil acesso aos tratamentos de saúde, mesmo nos casos mais simples; c) falta de oportunidades de trabalho no campo e que anualmente arrastam milhares de jovens para a cidade à procura de emprego; d) acesso restrito à televisão, música, esporte e outras opções de lazer. Isto faz com que a vontade de ir para a cidade constitua-se num desafio para a permanência dos jovens no meio rural.

UNIVERSO PERIFÉRICO

A quadrilha junina “Flor do Paraíso” é outro grupo estudado pelo Projeto Encontros Transculturais, enquanto universo da periferia urbana, que representa traços da cultura da região amazônica que perderam através do folclore e da tradição.

A quadrilha junina é uma manifestação artística e cultural de caráter popular originária da Inglaterra e surgida no Brasil junto à colonização, constituindo traços da forte colonização européia, assimilada,

Educação

reinterpretada e transmitida de forma oral e através da dança, por gerações, de pai para filho.

As quadrilhas são muito importantes em Belém, e designam um traço forte da cultura popular regional amazônica, ligado a coisas da região e a sentimentos de alegria, amizade, amor e a um forte sentido de família que são vivenciados de forma espontânea pelo grupo durante o período de preparação e nas exposições durante a quadra junina e que podem ser evidenciados no discurso dos brincantes e da coordenação do grupo.

Outros dois grupos estudados na periferia urbana de Belém são os grupos de Hip Hop Nação Resistência Periférica (NRP) e Bancada Revolucionária Gospel (BRG), pertencentes respectivamente, aos bairros da Terra Firme e Guamá. São bairros caracterizados por um processo de ocupação espontânea de populações oriundas de municípios do interior do Estado e pelo baixo poder aquisitivo.

O termo Hip Hop foi originalmente estabelecido em 1968 pelo negro África Bambaataa, inspirado em duas movimentações cíclicas: a cultura dos guetos norte-americanos e a forma de dançar mais popular da época, ou seja, saltar (HOP) movimentando os quadris (HIP).que significa “mexer o quadril”. No Brasil, o Hip-Hop chegou no início da década de 80 por intermédio de equipes de baile, de revistas e de discos vendidos na rua 24 de Maio em São Paulo, de onde rapidamente se espalhou pelo Brasil por dançarinos de *break* e cantores de rap, na época muito combatidos pelos policiais e lojistas.

O movimento Hip Hop em Belém, surgido em meados dos anos 80, a partir de grupos como o Movimento Afro-descendente do Pará (MOCAMBO), grupo dedicado à causa negra, de quem até hoje recebem grande influência. O NRP é um grupo Hip Hop formado, em sua maioria, por jovens negros do sexo masculino, que atua no campo cultural promovendo eventos de Hip Hop e, no campo social, através de oficinas na comunidade e no presídio, participando de atos políticos, produzindo e apresentando programas em rádios comunitárias da cidade e atuando junto ao movimento negro. O movimento traz em seu discurso uma preocupação acentuada em relação à violência, a criminalidade, ao desemprego e às doenças sexualmente transmissíveis que atingem especialmente os jovens. Na BRG, a estas preocupa-

Educação

ções juntam-se ainda o discurso religioso traduzido na fala de seus líderes e nas músicas rap.

UNIVERSO CENTRO URBANO

A escolha do universo batista decorre da desistência do grupo da Igreja Quadrangular. A Primeira Igreja Batista do Pará (PIB) e da Amazônia foi organizada em 1897 e está sediada na região central da cidade. É uma entidade de caráter religioso e sem fins lucrativos e adota princípios e doutrinas como: a autoridade das Escrituras, a doutrina de Deus, da Trindade, de Jesus Cristo, do Espírito Santo e outras.

Em sua estrutura organizacional, a PIB possui ainda um Ministério da Juventude que tem como propósito “ser uma juventude forte que adore a Deus, valoriza o ensino bíblico transformador, relacionamentos de amor e prática de dons, expandindo o reino de Cristo de forma contextualizada e consciente” (*Site da PIB/PA “O Grande Privilégio”*), trabalhando em seis núcleos, reunindo jovens a partir de 12 anos. Os adolescentes entrevistados têm entre 12 a 17 anos, são oriundos dos mais diversos bairros de Belém, porém se congregando na Primeira Igreja Batista, localizada no centro da cidade.

A Casa da Juventude (CAJU), por sua vez, é uma comunidade católica fundada em 1959 por um padre, visando desenvolver um trabalho evangelizador junto à juventude. O grupo que inicialmente possuía uma dimensão sociocultural-política, demarcado pelo contexto pré-64 e pela própria origem dos jovens, egressos de grêmios estudantis, com o passar dos anos assume uma dimensão de orientação religiosa, cultural e social que passa a ser executada por “membros compromissados” que assumem um compromisso anual de serviço e formação com a Casa e os “não-compromissados” que servem de maneira não-obrigatória na Casa da Juventude. O compromisso com a CAJU consiste na vivência livre e espontânea do seguimento cristão, baseado nos princípios da vocação, espiritualidade, obediência e serviço (CAJU, 1995, p. 5).

A CAJU é formada por aproximadamente 143 membros divididos em 15 coordenações e um Conselho reunindo desde adolescentes ini-

Educação

cientes a jovens militantes, responsáveis pelo planejamento e a coordenação da Casa.

O grupo em estudo é o litúrgico, escolhido devido à frequência de seus encontros e atividades, sendo formado por jovens oriundos de vários bairros da cidade e predominantemente por mulheres, alguns universitários e com idade média variando entre 18 e 21 anos.

UNIVERSO INDÍGENA

Correspondendo ao universo indígena em contato com instituições e serviços urbanos, foi selecionado o grupo indígena Anambé, habitantes da região do alto rio Cajari, afluente do rio Moju. A pesquisa na área indígena tem como objetivo compreender a criança e o adolescente indígena do grupo indígena Anambé, sua cultura e principalmente suas perspectivas em relação ao futuro levando em consideração as influências não-indígenas e o processo de deculturação, a perda de sua identidade cultural pela qual o grupo passa.

O grupo, aproximadamente 130 habitantes, possui resquícios de fatores históricos que desestabilizaram sua cultura de forma abrupta e marcante. Seus valores foram se perdendo, ficando apenas na memória dos mais antigos. Os vários contatos e tentativas de mudança de sua área, assim como a convivência com os caboclos das cidades próximas à aldeia fizeram do grupo o alvo fácil para doenças, guerras e invasões de terras que contribuíram para o processo de deculturação e a quase extinção de sua etnia.

Hoje as crianças e adolescentes Anambé gostam de assistir novelas, tomar banho de rio e vão à escola. É nesse processo de socialização secundária, onde o mundo indígena incorpora influências de outros mundos, sofre conflitos de ordem pessoal e cultural que se pode traduzir no choque de visões, riscos de desagregação e diluição da identidade cultural (veja LOUREIRO, 1992).

Educação

RESULTADOS PARCIAIS DA PESQUISA

A pesquisa encontra-se ainda na fase de contato e acompanhamento das atividades dos grupos buscando recuperar e compreender os diferentes percursos formativos vivenciados pelos jovens e adolescentes nos universos elencados. A partir das observações e dos dados já levantados pode-se perceber a existência de diferentes motivadores de encontro e sociabilidade entre os jovens, porém de uma maneira geral possuem um caráter informal e espontâneo, mas de grande efetividade social.

Há vinculações que na quadrilha Flor do Paraíso podem parecer à primeira vista apenas momentâneas nos encontros, no empenho e na vibração vivenciados durante os ensaios e apresentações da quadra junina e que se desfaz logo após o encerramento dos concursos oficiais, mas que, a partir de um olhar mais atento, revelam elementos com o parentesco e os laços de amizade e reciprocidade.

Já no caso do movimento Hip Hop essas vinculações são expressas a partir de um discurso político de despertar da consciência e reformulação de identidade do segmento jovem da periferia e, em especial, negro e da construção de uma expressão artística constituída por três elementos: a música rap, a dança *break* e a pintura em grafite. E onde até mesmo a religiosidade, assumida pela Bancada Revolucionária Gospel, assume um forte conteúdo de contestação e revolta.

Em relação aos universos do centro urbano pode-se perceber que na CAJU, encontros e vivências realizam-se a partir da vontade e da busca de um sentido de vida através da religiosidade, mas que possuem ainda uma estrutura hierárquica e a partir da construção de um compromisso anual de serviço e formação com a Casa, e também com a comunidade, embora isso não represente uma mudança de hábito ou comportamento. Aspecto semelhante é vivenciado pelos jovens da PIB que se reúnem e identificam a partir dessa busca, mas que possuem elementos e influências da dinâmica familiar onde estão inseridos.

Em relação às comunidades ribeirinhas, sob a influência da metrópole Belém, pode-se perceber uma difusão do conteúdo de grupo que passa a ser percebido apenas pelo “de fora” ou “estranho”. Difusão essa, provavelmente, provocada pela falta de espaços próprios de ação

Educação

e integração pedagógica e mesmo de perspectivas de vida no local, aliados aos sentimentos de inovação e de rebeldia, próprios dessa fase de vida, e que têm provocado dispersão social e mesmo o êxodo rural.

Em relação à comunidade indígena Anambé pode-se perceber que esse processo de encontro e fricção étnico, religioso, cultural e social é antigo e remonta à segunda metade do século XIX, quando se deram os primeiros contatos, e desde lá estão provocando um processo de deculturação e a quase extinção da etnia, processo esse que se tem acelerado com o avanço tecnológico e com o acesso cada vez maior à televisão e a sua lógica uniformizante. A partir dos levantamentos já realizados pode-se perceber um sentido difuso de grupo que passa a ser percebido também pelo “estranho”, mas que tende a se revelar em situações de ameaça à integridade individual e do grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A preocupação com a temática da juventude enfrenta o desafio de superar a lógica que compreende os processos de socialização e criação de identidade partindo apenas de ambientes de caráter formal como a escola e o trabalho e ignorando a pluralidade de processos educativos existentes nas diversas redes de sociabilidade. Os diferentes espaços de encontro, lazer, formação, informação, cultura são aqui considerados como espaços privilegiados de construção da subjetividade jovem.

Os jovens são atores-chave na compreensão de uma sociedade marcada por variadas e aceleradas transformações, onde demonstram toda sua potencialidade criativa na busca e construção de um estilo ou modelo próprio de vida que em si revela elementos culturais, artísticos, políticos, religiosos e ideológicos que, de certo modo, retratam suas aspirações pessoais de vida. Nos grupos os jovens estabelecem relações, geram fruição, consumo ou resistência cultural, consolidando processos de identidade.

Educação

REFERÊNCIAS

- BARBER, B. R. Dschihad versus McWorld. Globalisierung. Zivilgesellschaft und die Grenzen des Marktes. In: *Lettre* (1997), 36, S.4-9
- BECK, U: Das Zeitalter der Dolmetscher. In: *Frankfurter Rundschau*, Sonderbeilage "Das Jahrhundert der Kommunikation", 8.12. 1999, p.1.
- _____. (Org.). *Perspektiven der Weltgesellschaft*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1998.
- BOHMANN, J. Pluralismus, Kulturspezifität und kosmopolitische Öffentlichkeit im Zeichen der Globalisierung. In: *Dtsch.z.f. Philos*, 45 (1997) 6, pp.927-941.
- BOURDIEU, P. *Razões Práticas*. Sobre a teoria da ação. Campinas / SP: Papyrus, 1996.
- CAJU. *Ação no Mundo*. Belém, 1995. (mimeo)
- DELORS, J. (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 4ªed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: MEC: UNESCO, 2000.
- ESSER, J. Der kooperative Nationalstaat im Zeitalter der Globalisierung. In: DÖHRING, D. (Org.) *Sozialstaat in der Globalisierung*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1999, pp.117-144.
- HEINS, Volker. Unterm Pflaster liegt kein Strand. In: *Die Zeit*, 34, 13.8.1998, p.31.
- KIRBY, Andrew. Wider die Ortlosigkeit (1989). In: Beck, U. (Org.) *Perspektiven der Weltgesellschaft*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1998, pp.168-175.
- LEGGEWIE, Claus et al. Kulturen der Welt – Weltkultur? In: *Transit*, 17, 1999, pp.3-12.
- LEPINIES, Wolf. Das Ende der Überheblichkeit. In: *Die Zeit*, 24.11.199.
- LOUREIRO, J.J.P. A Cultura Amazônica. In: LOUREIRO, V.R. *Estudo dos Problemas Amazônicos*. Belém: CEJUP, 1992.
- MEYROWITZ, Joshua. Das generalisierte Anderwo (1989). In: Beck, U. (Org.) *Perspektiven der Weltgesellschaft*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1998, pp.176-191.

Educação

O GRANDE Privilégio. Disponível em: <www.pibpa.org.br/juventude>, acessado em 16/10/2003.

ROBERTSON, Roland, *Glokalisierung: Homogenität und Heterogenität in Raum und Zeit* (1995). In: Beck, U. (Org.) *Perspektiven der Weltgesellschaft*. Frankfurt/Main: Suhrkamp, 1998, pp.192-220.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

SCHÖPFTHALER, Traugott, *Multikulturelle und transkulturelle Erziehung: Zwei Wege zu kosmopolitischen kulturellen Identitäten?* In: *International Review of Education*, 30, 1984, pp.11-24.

TOURAINÉ, A. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1999.

UNAMA. *Relatórios de Pesquisa do Projeto Encontros Transculturais: sua importância para o pensar e o agir democrático de educadores(as) numa comparação internacional*. Belém: Unama, 2003. (mimeo)

WELSCH, Wolfgang, *Transkulturalität*. In: *Zeitschrift für Kulturaustausch*, 1995, pp.39-44.

Educação